

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15887 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O AGORA: aproximações entre Freire e Krenak

Júlia Marina Azambuja dos Santos - PPGEDU/UFRGS

Maria Alice Gouvêa Campesato - UNISINOS/PPGE GESTÃO EDUCACIONAL -
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O AGORA: aproximações entre Freire e Krenak

RESUMO: O texto propõe um diálogo entre os pensamentos de Paulo Freire e Ailton Krenak para refletir sobre a prática docente no contexto atual, marcado por crises que atravessam o espaço escolar e as relações que nele se dão. As ideias desses autores ajudam a pensar estratégias formativas para professores e provocam a reconsiderar as relações educacionais, enfatizando a necessidade de uma educação problematizadora, integrando saberes ancestrais e promovendo uma relação harmoniosa com o planeta e os seres que nele vivem. Isso inclui romper com dicotomias educacionais e promover uma educação mais reflexiva e autoral, capaz de enfrentar os desafios contemporâneos e vislumbrar futuros possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Problematizadora. Saberes Ancestrais. Formação Docente.

A proposta de aproximar pensamentos de Paulo Freire e Ailton Krenak surge da emergência de um diálogo sobre uma docência possível, em tempos de crises ambientais, sociais, políticas, éticas e estéticas que vivenciamos na educação brasileira, especialmente na educação gaúcha, dado os acontecimentos de maio de 2024. Não é recente a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre a escola, considerando recorrentes indagações sobre a pertinência e eficácia dessa instituição, sobretudo por parte de certas tendências políticas, associações empresariais e grupos religiosos, numa perspectiva de alcance de metas e cerceamento do pensar. Dessa forma, acreditamos na importância da defesa deste espaço público, a partir da percepção de quem luta e constrói diariamente a prática pedagógica.

Desde a pandemia do Coronavírus em 2020, nós, professores, temos recorrido a diversas defesas sobre a relevância da função social da escola, notada ainda mais na ausência deste espaço durante o período de isolamento. Ainda assim, há alguns grupos defendendo a educação em casa, com movimentos como o *homeschooling*, por exemplo. Em um contexto marcado por intensas mudanças, discutimos como as ideias de Freire (2011), sobre educação libertadora e as reflexões de Krenak (2016), sobre o conceito de humanidade, nos ajudam a pensar, dentre tantos aspectos, sobre estratégias formativas para professores, capazes de promover a reflexão sobre sua ação em um constante processo de construção docente. Conforme Garcia (2021, p.13),

Os desafios de hoje nos obrigam a duvidar verdadeiramente de todas as certezas indubitáveis que sustentaram este mundo. O conhecimento tem se reestruturado por diversas “viradas” nos últimos tempos, especialmente devido ao contato com os saberes que foram excluídos do debate acadêmico. Encarar este mundo significa rever

todas as certezas que nos trouxeram até ele.

Não almejamos propor modelos de ação pedagógica para professores, mas retomarmos uma prática pautada por princípios que se entrelaçam, que assegure a função social da escola e a autoria docente. Alguns conceitos, marcados pela temporalidade da escola e por sua presença histórica como espaço de formação humana, precisam ser constantemente retomados, visto a insistência dos ataques à educação, sua configuração e seus modos de ser. Esses conceitos atravessam o caráter do desenvolvimento profissional docente. Exploramos aqui a urgência de um processo contínuo de reconstrução da prática docente diante dos desafios contemporâneos, tomando as filosofias de Freire e Krenak como ponto de partida, para pensarmos possibilidades de habitar o espaço público e comum escolar, especialmente relevante para o atual contexto educacional no Rio Grande do Sul.

A defesa do processo de formação continuada de professores é essencial em tempos de rápidas mudanças. A partir de alguns conceitos de Freire e de Krenak, podemos perspectivar caminhos possíveis, para que professores não só reajam, mas antecipem e enfrentem os desafios emergentes ou possam “pensar a crise atual da escola e o seu *futuro presente*” (Nóvoa, 2019, p. 3).

Freire (2011), reconhecido por sua teoria crítica da educação, enfatiza a construção coletiva de conhecimento através da experiência dos estudantes. Sua abordagem pedagógica incentiva o diálogo, a problematização das estruturas sociais e a *práxis* como formas de empoderamento dos educandos, mas também conta com a criticidade e o engajamento dos professores em sua própria trajetória formativa. Para que isso se potencialize na ação com os estudantes, é necessário a ampliação da compreensão de alguns conceitos na formação docente, principalmente quanto ao desenvolvimento do pensamento crítico.

A partir da ideia de que a educação é um bem público e que, atualmente, o ambiente escolar demonstra sinais de esgotamento, urge repensarmos as relações que ali se estabelecem. Estamos diante de um cenário onde a escola não pode se abster de seu papel social, de seu compromisso com as novas gerações e com o mundo (Arendt, 2016).

Defensor desse “ambiente que nós compartilhamos, que é a Terra”, Krenak (2016, p. 171) aponta a cosmovisão como um *possível*, por tratar-se de uma “visão aberta”, desmistificando a ideia de totalidade que lhe é comumente atribuída. E é precisamente essa ideia de abertura para outros modos de existência que nos interessa aqui, neste *agora*, para pensar a formação docente atual, procurando perspectivar um futuro também outro.

Em *Educação como Prática de Liberdade*, Freire (1967) propõe uma educação

emancipadora e desafia educandos e educadores a refletirem sobre o papel da educação na transformação social. Como podemos hoje tomar os princípios freireanos para pensar o *agora*, enfrentar as desigualdades sociais, os desafios contemporâneos e promover uma educação comprometida com os processos educativos e seus sujeitos, em uma relação ética, estética e política?

Há, na *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2011), a presença de uma ideia de educação problematizadora e libertadora, que pode auxiliar nestes desafios contemporâneos, como as crises ambientais globais. Importa lembrar que tais crises são efeitos de séculos de marginalização e destruição de diversos saberes e formas de vida, incluindo as indígenas (Angatu, 2019). Assim, uma educação que não apenas informa, mas também questiona e transforma, pode ser uma chave para enfrentar, dentre tantos desafios, o da crise climática e, por conseguinte, promover um outro modo de relação com o planeta e os seres que nele vivem.

As reflexões de Krenak (2019) nos convidam a (re)pensar nosso lugar no mundo, destituindo o humano da centralidade, colocando em xeque toda uma tradição de pensamento na qual se alicerça a escola moderna.

Krenak nos lembra de que não somos as únicas pessoas interessantes do mundo. Temos companhia. Aceitar tal fato é diminuir um pouco a intensidade do nosso narcisismo. É abrir-se a uma escuta absoluta das vozes que vêm da Terra, dos seres, da natureza, da vida. Se nos enclausuramos na prisão do homem (do eurocentrismo e do antropoceno), como temos feito, esquecemos, em primeiro lugar, de encontrar a infinidade dos seres; em segundo, acabamos com a diferença e julgamos os seres de acordo com o modelo de humano que até hoje acreditamos ideal (Pereira, 2021, s/p)

Essas leituras nos auxiliam a compor saberes ancestrais dos povos ameríndios com os da *educação formal* para além da preservação ambiental e da sustentabilidade, justamente porque são modos de existir que reivindicam uma postura político-filosófica de desconfiança às grandes narrativas, às verdades universais, convocando-nos à indagação sobre um modo de pensamento e de vida que julga “deter o conhecimento verdadeiro sobre o mundo” (Costa, 2019, p. 192), muito similar aos questionamentos que Freire faz à educação bancária. Ainda nos deparamos com práticas de reprodução, de formação em massa, que continuam a implementar crenças limitantes. Nas palavras de Krenak (2020, p. 101-102), “o que chamam de educação é, na verdade, uma ofensa à liberdade de pensamento, é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, *chapá-lo* de ideias e soltá-lo para destruir o mundo. Para mim isso não é educação”.

Com isso, não estamos dizendo que a escola está obsoleta; ao contrário, defendemos a escola e todas as práticas realizadas cotidianamente por professores que insistem no exercício

constante do pensamento, na criação e construção desse espaço público e comum de encontro com o outro, consigo e com o mundo. No entanto, não podemos nos furtar à crítica, assaz urgente, a certos modos escolares que promovem uma educação empobrecida de reflexão – e de vida. Precisamos construir um espaço de diálogo crítico, investigação ética e ação transformadora de mundos.

Considerando que cada professor já foi/é estudante e pesquisador, sua visão educacional foi/é constituída por suas próprias experiências como aluno, seja por concordância ou oposição a elas. Convidamos a refletir sobre como tais experiências produzem a prática docente e o pensamento crítico do professor em relação ao sistema educacional vigente.

Freire (1967), com sua pedagogia da libertação, argumenta que os educadores devem ser agentes de transformação, desafiando as normas opressivas que limitam o potencial dos alunos e dos próprios professores. Krenak (2019), por sua vez, alerta sobre a importância de uma educação que integre os saberes ancestrais, o que pode inspirar novas abordagens pedagógicas. Nessa perspectiva,

uma aliança, mesmo que precária, com a *filosofia ameríndia* e sua ênfase no ponto de vista do outro como condição para a formação e a transformação de determinados pontos de vista permite sustentar o desejo de uma Filosofia da Educação comprometida com os desafios da educação brasileira, ocupando o espaço público e expandindo suas intervenções para além das fronteiras disciplinares (Freitas, 2018, p. 399).

Contra-pondo-se à abordagem utilitarista e pragmática, Krenak (2020) ressalta a importância da sabedoria ancestral, enfatiza a conexão harmoniosa com a Terra e com os seres que nela habitam. Isso contribui para “subverter as técnicas e os dispositivos, tanto políticos quanto epistêmicos, de captura que almejam o silenciamento e a invisibilização de outras filosofias e outros sujeitos da educação” (Freitas, 2018, p. 399). Neste contexto, a educação bancária, que preconiza a transmissão vertical e estática de conhecimento, contra a qual Freire (2011) se insurge, também é contrastada por Krenak, que propõe uma educação mais horizontal e dialógica, atentando para outras composições e novos encontros que nos encorajem a

sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de que uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo (Krenak, 2019, p. 50).

Faz-se necessário pensar sobre os princípios que fundamentam a educação e o papel da docência, o que aponta que a formação de professores é um dos grandes desafios à educação atual, visto que o paradigma educacional predominante promove uma visão reducionista do

conhecimento e concebe os estudantes como consumidores de informações prontas para o consumo imediato. Isso evidencia a lógica neoliberal da modernidade líquida (Bauman, 2008), que concorre para a superficialidade do aprendizado em detrimento do pensamento crítico e da conexão com outros modos não-ocidentais de existência.

A crítica de Krenak sobre a relação com o conhecimento de modo utilitário e descartável sugere a necessidade inadiável de valorização de outros saberes, em contraponto à concepção bancária de educação explicitada por Freire (2011), que historicamente enfatizou a transmissão unidirecional de conhecimento. Não é possível conjecturar uma educação permanente sem garantir uma relação contínua e dialógica com a construção do conhecimento.

Diante disso, estratégias para a formação docente incluem a promoção do pensamento crítico sobre as experiências educacionais passadas, provocando tensionamento sobre verdades naturalizadas, rompendo com dicotomias que ainda insistem no campo educacional, como teoria/prática, natureza/cultura, civilização/barbárie.

Isso pode ser potencializado por meio de programas de formação continuada que promovam espaços comuns de diálogo, onde educadores possam discutir livremente suas práticas pedagógicas e desafios enfrentados no ambiente escolar, considerando a autoria de seu ofício. Isso necessita a criação de um ambiente escolar que não apenas tolera, mas também acolha e valorize o questionamento e a crítica construtiva como ferramentas essenciais para a melhoria contínua da prática educativa. Ao reconhecer que a atuação docente, muitas vezes, reflete um sistema educacional que precisa ser transformado, podemos iniciar um movimento em direção a uma educação mais reflexiva e, principalmente, autoral, para enfrentar os desafios contemporâneos e perspectivar futuros possíveis. Nesse sentido, os pensamentos de Freire e Krenak podem nos ajudar a construir uma formação para o agora na (re)construção docente.

REFERÊNCIAS

ANGATU, Casé. Decolonialidades Indígenas. In: MESQUITA, Marcos R.; COSTA, Frederico A. (Org.). **Psicologia Política no Brasil e Enfrentamentos a Processos Antidemocráticos**. Maceió: EDUFAL, 2019, p. 231-241.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Entrevista sobre a educação: Desafios pedagógicos e modernidade líquida**. **Rev. Brasil. Ed.**, v. 13, n. 38, p. 143-155, 2008.

COSTA, A. **Cosmopolíticas da Terra: Modos de existência e resistência no Antropoceno**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2019.

FREITAS, Alexandre Simão. **Contribuições do perspectivismo ameríndio para as pesquisas em Filosofia da Educação.** *Rev. Bras. Estud. Ped.*, Brasília, v. 99, n. 252, p. 387-403, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARCIA, A. V. **A filosofia e seu ensino podem colaborar para adiar o fim do mundo?** 2021. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília.

KRENAK, Ailton. **As alianças afetivas.** Entrevista com Ailton Krenak, por Pedro Cesarino. São Paulo: FBSP, 2016. p. 169-184.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Cia das Letras, 2020.

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola.** *Ed. & Real.*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

PEREIRA, Nilton. **Professoras de História aprendendo com Ailton Krenak.** *Jornal da UFRGS*, Porto Alegre, 23 out. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/professoras-de-historia-aprendendo-com-ailton-krenak/>. Acesso em: 28 jul. 2024.